

Refletir a respeito dos processos de ensinar e aprender em sociedades complexas e plurais, caracterizadas por amplo acesso a informações, pela abundância de compartilhamentos em rede, pela diversidade e confronto de perspectivas, não é tarefa das mais fáceis. No campo da História, experimentamos desafios tão grandes quanto ou, talvez maiores, de outras áreas do conhecimento. Isso porque a larga expansão da área coloca-nos diante de variados campos explicativos, de inúmeras narrativas, de diferentes modelos epistemológicos que, complementando-se uns aos outros ou concorrendo entre si, procuram dar sentido ao passado e inteligibilidade ao tempo presente.

A tarefa de ensinar História na escola, por sua vez, também comporta decisões difíceis de serem tomadas frente a tantas possibilidades interpretativas, diante de tantos caminhos metodológicos, face aos distintos interesses dos jovens e às diferentes culturas juvenis. Qual perspectiva da História escolher? Quais conteúdos/conceitos históricos são suficientemente importantes para tornar-se conhecimento para todos e integrar o currículo escolar? Que recortes (de temáticas, de escalas, de temporalidades) são necessários diante da impossibilidade de estudar toda a História? Que estratégias metodológicas podem ser mais profícuas no esforço de significar o estudo do passado? De que ferramentas de leitura histórica os estudantes precisam apropriar-se, para que essa disciplina cumpra suas finalidades educativas?

Ainda que não se tenha consenso absoluto do caminho a seguir – até porque dificilmente um único caminho daria conta do cenário complexo e diverso que temos hoje –, algumas linhas de força vêm sendo esboçadas por pesquisadores e por professores, em seu ofício investigativo, em suas práticas escolares cotidianas, como, por exemplo, a recusa de um modelo meramente transmissivo de conhecimento, a proposição de situações pedagógicas em que os estudantes sejam protagonistas,

a problematização do conhecimento histórico, o respeito aos diferentes sujeitos e identidades culturais, a interpretação criteriosa do passado a partir do manuseio de fontes, o confronto de perspectivas historiográficas para a construção de argumentos fundamentados, dentre outras.

O caráter complexo e específico do ensino de História, bem como a sua importância na formação humana, vêm demandando esforços coletivos na produção de conhecimentos e na busca de alternativas para fazer frente às dificuldades inerentes à história escolar, nas suas diversas manifestações e relações. Este volume da Revista Espaço Pedagógico congrega autores de diversas partes do Brasil – Rio Grande do Norte, Pará, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Santa Catarina, Paraná – e também autores estrangeiros, da Argentina e da Espanha.

Acerca da temática central — *Ensino de História e Educação* — estão reunidos nove artigos que tratam de questões relevantes e atuais no debate a respeito dos processos de ensinar e aprender História na educação básica, que passam por assuntos como cultura histórica e consciência histórica, conhecimento histórico e constituição da disciplina escolar, currículo e matriz epistemológica da História; saberes e fazeres na/da aula de História, livros didáticos e suas interlocuções, e a História e a educação para as relações étnico-raciais.

Itamar Freitas Oliveira e Margarida Maria Dias de Oliveira inauguram o tema com o artigo Cultura histórica e "livro didático ideal": algumas contribuições de categorias rüsenianas para um "ensino de história à brasileira", oferecendo aos leitores uma instigante e provocativa análise das potencialidades do pensamento de Jörn Rüsen no contexto de operação da história escolar no Brasil. Seguindo, Kleber Luiz Gavião Machado de Souza e Maria Inês Sucupira Stamatto trazem o artigo O espaço das disciplinas na reconfiguração curricular do ensino médio brasileiro: o Enem e a História, em que apontam, após rigoroso estudo, como se dá o diálogo interdisciplinar na área das Ciências Humanas e suas Tecnologias, nos documentos das Matrizes de Referência do Exame Nacional do Ensino Médio. No artigo Enseñanza de la Historia en el nivel secundario en Argentina: herencias, inercias, rupturas e invenciones, Maria Paula Gonzalez realiza um minucioso exame das atuais configurações da História no contexto da escola secundária argentina, tomando como corpus documental diferentes fontes normativas e pedagógicas, assim como o diálogo com professores de História.

A aula de História como lugar do ensino, da pesquisa e da extensão é o artigo de Ronaldo Cardoso Alves, em que compartilha conosco a experiência de um projeto de trabalho desenvolvido no âmbito da Didática da História, instituindo a aula como um locus de construção do conhecimento histórico por meio de experiências entre estudantes, professores e futuros professores, que são os licenciandos-bolsis-

tas do Pibid. Na mesma perspectiva, Nilton Mullet Pereira e Gabriel Torelly, no artigo *O retorno da aula expositiva no ensino de História: notas para uma prática fabulatória*, problematizam a natureza da exposição didática e da narrativa em sala de aula, indicando novas possibilidades para essas práticas a partir da mobilização de estratégias fabulatórias na aula de História. Seguindo com o tema da sala de aula, o artigo de Marcelo Fronza e Renilson Rosa Ribeiro, intitulado *Aulas de História: a formação de alunos leitores de mundo na contemporaneidade*, questiona as concepções reprodutivistas e memorísticas da história escolar, apontando as potencialidades da aula de História como espaço de leitura, de análise e de reflexão crítica, bem como o papel do professor como pesquisador-intelectual.

Lara Rodrigues Pereira e Cristiani Bereta da Silva, no artigo Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História, tomam um conjunto significativo de fontes – PCNs, livros didáticos e manuais acadêmicos - para analisar rupturas e eventuais permanências dos discursos e indicações acerca do uso do cinema na aula de História. No artigo intitulado Avaliação de livros de História por alunos do ensino médio, Edilson Aparecido Chaves e Tânia Maria F. Braga Garcia apresentam resultados de uma pesquisa em que se dedicaram a investigar o que os alunos de ensino médio de uma escola localizada em área rural pensam sobre os manuais escolares e de que forma os utilizam para aprender. Fechando a parte inicial da revista, que reúne artigos circunscritos à temática central, Mauro Cezar Coelho e Wilma de Nazaré Baia Coelho apresentam o estudo intitulado História, historiografia e saber histórico escolar: a educação para as relações étnico-raciais e o saber histórico na literatura didática, no qual analisam como se dá o tratamento dos conteúdos referentes às questões étnico-raciais tomando como objeto de análise uma coleção didática destinada à Educação de Jovens e Adultos. O objetivo é compreender as interlocuções entre o saber axiológico, demandado pela legislação, e o saber histórico que se expressa pela historiografia e pela cultura escolar.

Na seção de temas de demanda livre e fluxo contínuo contamos com três contribuições. Antonio Bolívar e Rosel Bolívar Ruano apresentam o texto *Docencia e investigación en el contexto de la Universidad actual*, no qual refletem sobre as tarefas nucleares da identidade do trabalho acadêmico no contexto da universidade imersa na chamada sociedade do conhecimento, entendendo como indissociáveis a docência e a investigação. Roberto Rafael Dias da Silva dispõe o texto intitulado *Docência, governo e verdade: elementos para uma análise anarqueológica*, em que examina dois importantes componentes da docência contemporânea, a reflexividade pedagógica e o compromisso político do professor, problematizando esses elementos a partir das pautas sociais atuais. O texto assinado por Arnaldo Nogaro,

Idanir Ecco e Luciane F. R. Rigo, cujo título é *Aprendizagem e fatores motivacionais relacionados*, encerra a seção de artigos, mostrando que, a despeito da importância do tema da motivação nos espaços escolares, sua presença é mais recorrente no discurso acadêmico, tendo um longo caminho a percorrer para que se constitua em ações objetivas para sua incorporação na prática pedagógica.

Na seção resenha, Juliana Pirola da Conceição apresenta a obra organizada por Marcos Silva, publicada em 2013, intitulada *História: que ensino é esse?* Tratase de uma coletânea que reúne 21 artigos de pesquisadores oriundos de diferentes regiões do Brasil, comprometidos com o ensino de História, nas suas mais diversas manifestações e ambientações. A resenha convida-nos à leitura e instiga o desejo de conhecer as muitas respostas que são dadas à pergunta que integra o título da obra.

Por fim, em diálogo com educadores, mergulhamos na trajetória profissional de Ernesta Zamboni, seguindo com ela os percursos do ensino de História no Brasil nas últimas décadas. Sua experiência de vida confunde-se com os caminhos da história escolar, campo investigativo ao qual dedicou grande parte dos seus esforços como professora e pesquisadora. Somos todos devedores da sua inestimável contribuição na formação de novas gerações de pesquisadores e da sua qualificada produção acadêmica.

Agradecemos aos autores pelas contribuições a esta edição da Revista Espaço Pedagógico e desejamos aos leitores uma experiência de estímulo à pesquisa e à qualificação das práticas de ensinar e aprender História.

Boa leitura!

Flávia Eloisa Caimi – Organizadora e editora-chefe Sandra Regina Ferreira de Oliveira – Organizadora